

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: LINO BROCKA - MATEM O ARTISTA NACIONAL

22 e 24 de outubro de 2026

GUMAPANG KA SA LUSAK / 1990

(*“Rastejar na Lama”*)

Um filme de Lino Brocka

Realização: Lino Brocka / *Argumento:* Ricky Lee, baseado numa história de sua autoria / *Montagem:* George Jarlego / *Direção de Fotografia:* Pedro Manding Jr. / *Música:* Nonong Buencamino / *Produção:* Boy C. De Guia / *Produção Executiva:* Vic Del Rosario Jr. / *Produção Associada:* Jun L. Ching / *Supervisão de Produção:* Eric M. Cuatico / *Design de Produção:* Benjie De Guzman / *Assistência de Realização:* Bey Bito / *Som:* Pete Nicolas / *Direção Artística:* Ed Cruz / *Efeitos Especiais:* Rolly Sto. Domingo / *Guarda-roupa:* Mike Guizon / *Interpretações:* Christopher De Leon (Levi), Dina Bonnevie (Rachel Suarez), Charo Santos-Concio (Rowena Guatlo), Bembol Roco (Falcon), Alan Paule (Jonathan), Francis Megalona (RJ), William Lorenzo (Eric), Perla Bautista (Mãe de Rachel), Eddie Garcia (Presidente da Câmara Edmundo Guatlo), Anita Linda (Mãe de Levi), Lucita Soriano (Mãe de Jonathan), Timothy diwa (Dodo), Maureen Mauricio (Atriz), Ray Ventura (Ricardo Tuazon), Tess Dumpit (Gigi), Gredmoore de los Santos (Bobby) / *Cópia:* DCP, a cores, falado em tagalog, legendado em inglês e eletronicamente em português / *Duração:* 120 minutos / *Estreia Mundial:* 17 de maio de 1990, Manila, Filipinas / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira passagem na Cinemateca.*

Aviso: a cópia a exibir apresenta um ruído de fundo constante que, não comprometendo o visionamento, pode prejudicar a fruição da obra.

Em 1990, a um ano da sua morte imprevista e chocante, Brocka filmou um total de cinco longas-metragens. **Gumapang ka sa lusak** / **“Rastejar na Lama”** foi somente o segundo título lançado nesse ano e tudo nele nos remete para o passado de Brocka como voz dissidente do terrível regime liderado por Ferdinand e Imelda Marcos, ainda que à data este tivesse findado há mais de quatro anos. Além desse “chafurdar na lama” de um regime ido, Brocka era um cético em relação ao caminho que a sociedade filipina levava à época, continuando presa a vícios antigos e, em certa medida, vulnerável a derivas tão ou mais perigosas quanto que aquela que dominou o espectro político ao longo de cerca de uma década. O retrato que produz é implacável, perfeitamente à altura de outros melodramas políticos com muito “sangue, suor e lágrimas” que rodou durante o período da Lei Marcial de Marcos, nomeadamente **Maynila sa mga kuko ng liwanag** / **Manila nas Garras do Néon** (1975) e **Jaguar** (1979), mas também daqueles que foram lançados no período de transição democrática chefiado por Corazon Aquino, tais como **Macho Dancer** (1988) e **Orapronobis** (1989).

O principal tema que atravessa muitos destes filmes prende-se com a estrutural corrupção que corroía a sociedade filipina. E da qual ninguém se parecia livrar. Deparamo-nos com redes algo complexas de interesses que ligam a criminalidade de rua mais bárbara ao poder político e policial. Se noutros filmes Brocka se viu obrigado a recorrer a subterfúgios narrativos, concentrando-se nas cenas de ação e apostando em autênticos folhetins românticos com algum sexo à mistura, em **Gumapang ka sa lusak** tudo está à superfície. E não é nada bonito de se ver.

Dita a sinopse que uma jovem *starlet* chamada Rachel (belíssima interpretação de Dina Bonnevie, que foi uma espécie de musa final para Brocka, ao protagonizar o seu último filme, **Sa kabila ng lahat** / **“Apesar de Tudo”** [1991], cuja intriga forma com **Gumapang ka sa lusak** uma espécie de díptico) se deixará enredar num esquema de corrupção liderado pelo Presidente da Câmara e sua mulher, os sinistros Edmundo (Eddie Garcia, um dos mais importantes atores da “trupe” de Brocka) e Rowena Guatlo (uma glaciara Charo Santos). Qualquer semelhança com o reinado de terror administrado por Ferdinand e Imelda Marcos *não*

será mera coincidência. Este casal fará tudo o que estiver ao seu alcance para atingir os respetivos objetivos políticos, desde logo, vencer as próximas eleições. Se Rachel está envolvida romanticamente com Edmundo, Rowena não hesitará em gizar um plano meticuloso para a retirar da cena, evitando assim a escandaleira pública. Este verdadeiro “animal político” está ciente das fraquezas do marido e quando este diz “mata”, ela responde com um “esfola”.

Nada detém o casal na sua senda aterrorizadora, ora tirando partido de membros das classes mais baixas, como o são Rachel e o namorado (já lá vou), ora, depois, procurando eliminá-los da maneira mais cruel, e Rachel, mais uma vez, merecerá uma “atenção especial” por acicatar os ciúmes da mulher do “mayor”. O capanga ao serviço do casal, Falcon, representa o tipo de violência que grassava na sociedade durante a ditadura e ainda após esta, com os conflitos armados entre milícias que lançavam o terror país fora (cenário geral retratado com grande dramatismo e sentimento de revolta em **Orapronobis**). Rachel é um peão aparentemente insignificante e será mais uma vítima dos caprichos do casal todo-poderoso. No entanto, procurará resistir com a ajuda de um estudante caído de amores por ela, Jonathan. Pelo meio, Brocka conta-nos a história do namorado de Rachel (interpretado pelo *habitué* de Brocka, Christopher De Leon). Uma vez libertado da prisão, Levi vai converter-se, sob coação de Falcon, num “chacal” pronto a eliminar a concorrência do “mayor”.

Esta história sobre a reprodução imparável da violência num país “no limite”, sem saída para a corrupção, não destoa de outras que Brocka realizou antes, por norma, sobre personagens, vindas dos *bas-fonds*, que se deixam enredar por esquemas de corrupção muito maiores do que as suas pobres circunstâncias. **Macho Dancer**, realizado apenas dois anos antes deste filme, é exemplar sob este ponto de vista. Em certo sentido, Rachel é quase como uma versão feminina do protagonista de **Macho Dancer**, tentando libertar-se das garras da corrupção e do crime para prosseguir o seu sonho (a dança em boates no caso do primeiro filme, e a carreira de atriz, no caso vertente), ainda que, desde cedo, pressintamos que o seu futuro dificilmente será risonho, já que esta personagem se apresenta “marcada pela morte”, demasiado imersa na “porcaria” para se poder livrar dela. É aí que a relação de Rachel com o imberbe estudante se revela central no xadrez dramático do filme. Rachel é, para Jonathan, um misto de namorada e de mãe (mais uma figura materna no cinema de Brocka...). Afeiçoa-se a ele, ama o seu amor incondicional por ela, mas também sabe que uma relação entre ambos será o fim da possibilidade de um horizonte para ele. É um conflito de tom metafísico que está presente também no desenlace de **Macho Dancer** e que nunca é totalmente devastado pelo pessimismo galopante que, por vezes, tomava conta do espírito de Brocka – a intensidade de todo este melodrama é tão alta que, em certos momentos, se pode confundir com o mais puro sadismo (vejam-se as duas cenas chocantes de assassinios à queima-roupa levados a cabo pelo facínora Falcon). A vida tem pouco valor e ninguém pode confiar no sistema para se defender, tão-pouco para se salvar. A sujidade e a lama estão por todo o lado e já não pertencem apenas à desoladora pobreza que grassava nos bairros de lata em filmes como **Insiang / Insiang, o Lírio de Manila** (1976) ou **Bona** (1980), pois aqui a conspurcação é, acima de tudo, de ordem moral. A personagem de Jonathan, que termina a contemplar o horizonte, parece representar um tímido desejo, porventura acalentado por Brocka, de que também a sociedade filipina como um todo se possa renovar ou, pondo de outro modo, saiba começar de novo. E, desta feita, de maneira limpa.

Luís Mendonça